This bis na open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution Licence

DOI: 10.5216/rpp.v17i1.55126

EDUCAÇÃO

DO DIÁLOGO FREIRIANO AO PENSAR ARENDTIANO: REVERBERAÇÕES PARA FORMAÇÃO DA ÉTICA DOCENTE

OF FREIRIAN DIALOGUE IN THINKING ARENDTIAN REVERBS FOR TRAINING TEACHING ETHICS

DEL DIÁLOGO FREIRIANO EN EL PENSAMIENTO ARENDTIANO: REVERBAS PARA LA FORMACIÓN DE LA ÉTICA DOCENTE

Daniella Ribeiro do Vale e Silva Vieira [1]
Sônia Aparecida Siquelli[2]
Armindo Quillice Neto [3]

RESUMO

Este artigo objetiva abordar as reverberações entre o conceito de diálogo em Freire, como condição existencial do homem no mundo, sua capacidade de transformá-lo por meio do pensar, refletir e assim realizar escolhas, apontando o diálogo como uma condição existencial crítica sobre a realidade ética ao se fazer escolhas políticas para si e para os outros com a visão sobre a formação política presente na obra 'A Condição Humana' de Hannah Arendt, que imbuída das discussões sobre o conceito de *vita activa* e de ação política, aponta para uma ética do agir humano e a constituição de agir ético docente. A pesquisa foi de natureza qualitativa com análise descritiva e crítica a partir de um levantamento bibliográfico das obras dos autores os princípios éticos presentes, de forma comparativa entre o significado e suas reflexões, quanto: à condição política docente e a ética do agir pautada na constituição da postura política da condição humana. Identificou-se na análise destes significados elementos presentes na formação ética docente, intrinsicamente ligada à sua formação política, a partir do pensar e da capacidade humana de reflexão sobre as possíveis respostas sobre que ética deve ser forjada em suas ações, sob o olhar de Arendt e também de Freire, que, ao abordar o fazer educativo escolar através do diálogo, apresentam a possibilidade de compreensão ético-crítica-política da educação e formação de cidadãos conscientes, que possam transformar a ordem social.

Palavras-chave: Diálogo. Ética do Agir. Formação Política.

[1] Universidade do Vale do Sapucaí-UNIVÁS, daniellarvsv@gmail.com
[2] Universidade Federal de Uberlândia. soniapsiquelli@gmail.com
[3] Universidade Federal de Uberlândia; Faculdade de Ciências Integradas do Pontal. armindo@ufu.br

ABSTRACT

This article aims to approach the reverberations between the concept of dialogue by Freire, as the man's existential condition in the world, its capacity of changing it through thinking, reflecting and by making choices, pointing the dialogue as critical existential condition about the ethical reality as the making of choices to itself and to others. Starting on Hannah Arendt, the analysis goes from the knowledge about political formation in "Human Condition", a book by Arendt, that imbued with the discussions about the concept of vita active and political action, it points to the ethics of the human acting and the constitution of the docent's ethical acting. The research was of a qualitative nature with descriptive and critical analysis from a bibliographical survey of the authors's works about the present ethical principles, in a comparative way between the meaning and its reflections, about: the educational policy condition and the ethical acting based on the constitution of the human condition political posture. It was identified in the meanings of this analysis elements present in the educational ethical formation, from the thinking and human capacity of reflection about possible answers about what ethics should be forged in its actions, by the looks of Arendt and Freire as well, that, as they approach the educational doing through dialogue, they present the possibility of ethical-critical-political comprehension of education and the formation of conscientious citizens, whom can change the social order.

Keywords: Dialogue. Ethics of acting. Political Formation

RESUMEM

Este artículo objetiva abordar las reverberaciones entre el concepto de diálogo en Freire, como condición existencial del hombre en el mundo, su capacidad de transformarlo por medio del pensar, reflejar y así realizar elecciones, apuntando al diálogo como una condición existencial crítica sobre la realidad ética al tomar decisiones políticas para sí y para los demás. A partir de Hannah Arendt el análise parte de la visión sobre la formación política presente en la obra a 'La Condición Humana', que afrctado de las discusiones sobre el concepto de vita activa y de acción política, apunta hacia una ética del actuar humano y la constitución de de trabajo. La investigación fue de naturaleza cualitativa con análise descriptivo y crítico a partir de un levantamiento bibliográfico de las obras de los autores, los principios éticos presentes, de forma comparativa entre el significado y sus reflexiones, como: a la condición política docente y sobre la ética del actuar pautada en la constitución de la postura política de la condición humana. Se identificó en el análisis de estos significados elementos presentes en la formación ética docente, intrínsecamente ligada a su formación política, a partir del pensamiento y de la capacidad humana de reflexión sobre las posibles respuestas sobre qué ética debe ser forjada en sus acciones, bajo la mirada de Arendt y también de Freire, que, al abordar el hacer educativo escolar a través del diálogo, presentan la posibilidad de comprensión ética, crítica y política de la educación y formación de ciudadanos conscientes, que puedan transformar el orden social.

Palabras clave: Diálogo Ética de la actuación. Formación política

Data de submissão 26/09/2018
Data de aprovação 18/05/2019

Com intuito de conhecer como se dá a formação no processo educacional, do agir ético humano como condição existencial na imersão do mundo social e da cotidianidade escolar de cada um, este trabalho objetivou investigar, a partir da postura docente, sob a dimensão da ética e das escolhas políticas realizadas, que ética possuem os alunos ao terminarem o ensino médio e a educação superior. Este período de final e de início de outro nível de formação, seja acadêmico ou profissional, foi entendido aqui como propício para manifestação do agir humano, amparado em muitos valores, dentre eles, o da ética.

Em qual princípio ético está pautada a escola atual? Qual postura frente à diversidade humana? O agir pedagógico docente é capaz de extrapolar para sua ação ética social? Sob as perspectivas geradas por esses questionamentos e na tentativa de promover uma compreensão da ética do agir, o trabalho foi fundamentado em Arendt (1993, 1999; 2008; 2011; 2012; 2014) e Freire (2001, 2005, 2007, 2010; 2014).

A constituição humana, segundo Arendt (2014), é carregada de tradição e para esta explicação forja o termo *vita activa*, que significa quais as condições básicas da atividade humana que determinam sua própria existência: o trabalho, a obra e a ação. Entende-se que a escola atual esteja impregnada pelas determinações da sociedade capitalista que, cega pelo lucro, incentiva a todo custo a sociedade ao consumo. Esta mesma sociedade exige da escola mão de obra cada vez mais especializada, com isso a escola passa a cumprir o papel de formar o trabalhador, que se encontra alienado à sociedade de consumo.

Em Arendt (2014), o *trabalho* é, naturalmente, um processo biológico do corpo humano, tornando-se a própria vida do homem, sendo assim, o trabalho, atividade exclusiva da sociedade dos homens, com objetivo de transformação de seu mundo para um mundo melhor, tem o propósito apenas de alienação do trabalhador e de sua força de transformação em prol da produção, que gera lucro ao seu empregador. A *obra* representa a mundanidade da condição humana no século vinte, mundanidade esta que está contaminada pela instrumentalização da força de trabalho do homem e sua alienação à sociedade de consumo. E por último, a *ação* como condição política de cada um na sua pluralidade, como única atividade humana que ocorre sem a mediação das coisas ou das matérias, pois corresponde a que o homem vive e habita o mundo.

Estas três dimensões arendtianas atuam na constituição do humano, frente à realidade do profissional docente atual, inserido numa época histórica, em que os jovens possuem muitas informações devido à globalização e à rápida evolução informacional do final do século vinte ao vinte um. Mas estes mesmos jovens correm um sério risco de não saberem o que fazer com estas informações todas. O que aparenta ser da responsabilidade escolar, do profissional docente em formar para o mercado de trabalho, gera uma atitude ética que advém deste agir discente. Mas que atitude é esta?

Na visão de Arendt (1993), a necessidade de compreender a realidade existencial do fenômeno ético nas relações de alteridade e de reflexão sobre cada agir, pressupõe-se uma ética construída de forma refletida ou alienada. Segundo Arendt (1993) a política surge entre homens, e depende da liberdade e espontaneidade para a criação de um espaço genuinamente político. Portanto, o homem não nasce político, ele se torna político quando há as condições necessárias para isto. Como cientista política e judia, Arendt (2008) focou seus estudos em temas como a banalidade das ações humanas e na burocracia presente no cotidiano social que afeta existência humana, para isto recorreu à sua experiência do mal no regime nazista e comungou com a visão existencialista do filósofo alemão Heidegger, seu mestre e mentor. Defendia que as razões pelas quais as pessoas agem podem ser o fato de elas

sucumbirem às falhas de pensamento e julgamento.

Viveu e presenciou todo o século vinte, e os vários acontecimentos da história marcaram sua obra. *As origens do totalitarismo* (2012), obra fundamental para a discussão da passagem do século dezenove para o vinte, escrito em 1951 nos EUA, aprofunda seus estudos sobre os regimes políticos ditatoriais e depois do julgamento dos nazistas revê o conceito de mal radical, na obra de E*ichmann em Jerusalém* (1999), aborda a banalização do mal. Seus pais eram do partido social democrata que abrigava os marxistas e os comunistas, além dos filiados nas décadas de trinta e quarenta com a radicalização do antissemitismo. Com a discussão da assimilação, de se tornar apátrida, abriu-se uma possibilidade para os Judeus, permanecerem como judeus ou assimilar a cultura alemã; assim como Hannah Arendt na França não era francesa. Assim, como base teórica da compreensão desta pesquisa, surgiu a necessidade de compreender em obras diferentes de H. Arendt conceitos que compõem a dimensão do agir humano, situação esta que permitiu identificar princípios éticos implícitos em sua maneira de pensar e agir, pois nenhum tratado filosófico sobre ética Arendt escreveu. Contaminada pelo contexto do nazismo, de sistemas totalitários e por ser judia e apátrida, a visão arendtiana ao conceituar o humano em seu agir político, entende que unir um só povo, um só império a um só líder poderia ser uma condição para refletir sobre a questão de um mundo melhor e mais justo.

Para Arendt (1999), estar perto de um fato, envolvido ou não com ele, sem uma reflexão do mesmo, faz com que o mal presente se transforme em algo banal, onde o conveniente se torne permitido, ou melhor, o mal se justifique pela própria normalidade do fato, pois se tornou corriqueiro e não pela dualidade entre dever e consciência. Suscita com isto o seguinte questionamento: Não sou responsável pelo mal que cometo quando assumo minha posição de obediência às ordens hierárquicas? Neste questionamento, pode-se identificar uma preocupação ética na constituição do sujeito que pode deixar de se tornar responsável pelo seu agir, uma vez que não exerce o pensar sobre as ações em que se encontra envolvido. Para exemplificar, situação comumente em educação, quando um aluno ou um professor é questionado por coisas banais, mas que inseridos na cultura de não assumir suas responsabilidades e do comodismo em se alienar às possíveis ordens emanadas da gestão educacional, expressam-se numa postura de obediência às ordens sem parar nenhum instante para pensar e refletir sobre seu agir nesta situação. Se a ação for para o bem ou mal das pessoas envolvidas não lhes cabe refletir, pois sua atitude está presa à obediência cega da hierarquia de poder.

O pensamento, na visão arendtiana, permite que cada ser humano possa voltar às origens para dar dignidade a sua existência, para que a política "frequentemente reduzida à ética e à determinação dos valores morais que deveriam guiar o comportamento do homem de ação" (ARENDT, 1993, p.8) possa salvar o hábito de um pensamento que corrói o envolvimento de todos em prol de seus posicionamentos. Arendt (1999), ao se preocupar com a condição do ser humano, entende que, pela existência desta condição, o homem sofre a tentação de ser bom e com isto vive a experiência do mal e suas consequências. Ao definir o homem como um ser pensante, condição que antecede o agir, é possível afirmar então que segundo Arendt (1999), um pensar técnico, pragmático, longe da ética da responsabilidade apresenta um mal que é sempre extremo na sua natureza de ser.

Arendt (1999) sofreu todas as consequências, do abandono dos amigos ao repúdio da comunidade de judeus na América, ao colocar em sua obra *Eichemman em Jerusalém* (1999), a verdade do holocausto sob a ótica da condição humana, que segundo a filósofa, é capaz das maiores atrocidades contra os

seus, apenas pela atitude passiva da obediência em detrimento do não pensar. Houve a necessidade de expor que na injustiça de um julgamento, no momento em que a pessoa deixa de ser única e transforma-se em um *sistema*, ao cumprir ordens maiores, levando em consideração a lealdade e não a coragem de ser si própria, a capacidade humana de agir com coragem exige a priori o exercício do pensar.

> Hoje,... Este homem futuro, que segundo cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada - um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer por algo produzido por ele mesmo. Seria como se nosso cérebro, condição material e física do pensamento, não pudesse acompanhar o que fazemos, de modo que, de agora em diante, necessitaríamos realmente de máquinas que pensassem e falassem por nós. Se realmente for comprovado esse divorcio definitivo entre o conhecimento (no sentido moderno de know how) e o pensamento, então passaremos sem dúvida a condição de escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas como de nosso know how, criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja. (ARENDT, 2014, p. 3).

A escola atual procura acompanhar o que se denomina como progresso científico. Há uma tentativa de trazer para a escola tudo que há de mais novo, mas não se dá conta de que a produção de conhecimento é mais densa do que acompanhar as novas tecnologias ou o próprio progresso científico. Não se pergunta se é possível universalizar o progresso científico ou tecnologias, há o desespero de encontrar no especialista a resposta para o problema. Os conhecimentos da geração mais velha se mostram em parte obsoletos e os professores mais experientes sentem-se despossuídos de saber para trabalhar com seus alunos, se dando conta que seus saberes não são suficientes. Com esse embate, alguns desistem de ensinar ou buscam por soluções imediatas, perdendo o papel de quem apresenta aos mais jovens um universo da cultura capaz de dar conta dos desafios presentes no futuro. O próprio professor perdeu sua referência.

Nos anos sessenta, Arendt (2011) já assinalava esses problemas em sua obra E*ntre o passado e o futuro – crise na educação*. Segundo este texto a educação tem uma dupla função: ajudar a conhecer o mundo e ajudar a pensar o mundo. São coisas distintas, porém indissociáveis, assim como a informação e o conhecimento que se complementam, mas não são a mesma coisa. Porém, essa confusão é comum. Tecnologias acessam conhecimento, professores organizam as informações que podem ou não ser um conhecimento. Terminamos o século vinte e entramos no século vinte e um com uma crise educacional instaurada e isto se deve às condições políticas, econômicas e sociais, como também à constante crise do humano que busca por resultados e respostas que lhe garantam, de alguma forma, uma formação que sustente sua condição primeira, a da existência. "Uma crise na educação em qualquer ocasião originaria séria preocupação, mesmo se não refletisse, como ocorre no presente caso, uma crise e uma instabilidade mais gerais na sociedade moderna." (ARENDT, 2011, p.234).

Renovar um mundo comum, onde todos os indivíduos possam ser felizes, é tarefa da educação, e com a ética, no seu sentido mais simples, a conduta humana segundo um sistema de valores que sugerem o exercício de libertação e do compromisso, Arendt (2011) apresenta o papel de educador como sujeito transformador, pois uma vez que se encontra em crise de princípios constantemente, "a essência da educação é a natalidade" (Arendt, 2011,

p.223). A educação, universo que abarca a condição da natalidade, significa que uma vez que os recém-chegados ao mundo o encontram pronto, possuem o potencial de mudá-lo, quando a educação, então, assume a responsabilidade para uma ação livre. A realidade é dada pelos que já fazem parte da história iniciada, porém ela pode ser interrompida ou se iniciar em algo totalmente novo.

O renovar surge com o nascimento biológico, dá aos novos a oportunidade de contribuir para um mundo único e novo através da singularidade. Ao conservar um mundo que é constituído pelo trabalho e ação, os seres humanos podem criar e recriar formas de interação e convivência, indo além das necessidades básicas da sobrevivência. Participar do mundo é algo específico do ser humano, mas as escolhas são o que garantem a mera sobrevivência ou a continuidade de uma natureza que pode ser transformada. É na ação que o agir humano, visto como condição de pluralidade dos seres humanos, que há a garantia da convivência no mundo social. Apesar de sermos seres humanos singulares, não vivemos no singular, mas na pluralidade, estabelecendo um mundo comum. Arendt (1993) também aponta para a importância da comunicação entre as pessoas e no senso comum, possibilitados pela realidade de se comunicar e compartilhar uma percepção do mundo e de nós mesmos.

> Por um lado, a realidade do que percebo é garantida por seu contexto mundano, que inclui outros seres que percebem como eu; por outro lado, ela é percebida pelo trabalho conjunto dos meus cinco sentidos. O que, desde São Tomas de Aquino chamamos de senso comum [...]. Esse mesmo sentido, um 'sexto sentido', misterioso, porque não pode ser localizado como um órgão corporal, adequa as sensações de meus cinco sentidos estritamente privados [...] a um mundo comum compartilhado pelos outros. (ARENDT, 1993, p.39)

Assim, com a comunicação, a nossa subjetividade adquire uma objetividade, ponto de constituição para um mundo comum a ser partilhado com os que são contemporâneos, a partir de ideias dos que nos anteciparam e dos que estão por vir. É tarefa da educação, portanto, apresentar o mundo aos recém-chegados. "Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele. " (ARENDT, 2011, p.239).

Nesta segunda década do século vinte e um, num contexto de país em desenvolvimento, seja política ou economicamente, onde educação escolar é um valor ainda a ser incorporado culturalmente, todos os dias temos notícias tristes sobre a educação, a escola e a formação da sociedade. Vive-se, em um mundo assolado por crises, do social ao humano. O agir político humano está intimamente ligado a estes estágios de crises, e muitas vezes impossibilitado de transformar-se e adequar-se às realidades vigentes, no caso aqui a presença do Estado no âmbito educacional, através de políticas públicas e da presença do Capitalismo, como quem dita à escola que homem necessita de ser formado.

Ao buscar fundamentos que nos levem a pensar uma formação humana e política na escola para o agir ético dos alunos em toda a sociedade, percebe-se que Freire e Arendt comungam do mesmo pensamento quando o assunto é educação. Arendt (1993) possui um único escrito sobre educação, enquanto Freire dedicou sua vida aos estudos para uma educação que acredita ser,

> permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato

> de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia, e, assim, saber que podia ser mais. (FREIRE, 2001, p. 20).

Freire tem como categoria, ao abordar o fazer educativo escolar, o diálogo, que para ele, possibilita a compreensão ético-critica-política da educação e formar cidadãos conscientes, que possam transformar a ordem social. De acordo palestra realizada em Recife no I Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – ENEJA, em 25 de abril de 1998, Ana Maria de Araújo Freire, esposa de Paulo Freire, conta que sua vida e sua obra se confundem, pois

> não escreveu sobre coisas abstratas ou distantes; que ouviu falar. Escreveu sobre o óbvio, o cotidiano, sobre aquilo que se via (que ele via), que se observava (que ele observava), que se escutava (que ele escutava) e o que se sentia (o que ele sentia) todos os dias. (ARAÚJO, 1998)

Nasceu no dia 19 de setembro de 1921 em Recife /PE. "Amou seus pais como tolerou (aceitou) que o catolicismo fosse ensinado e incentivado à Paulo Freire por parte de sua mãe" (ARAÚJO, 1998). Viveu numa família de classe média, e com a crise mundial de 1929 enfrentou problemas econômicos e também a perda de seu pai. Apesar de ter-se formado em Direito, não seguiu a carreira, levando sua vida profissional para o magistério, com ideias pedagógicas formadas na observação dos alunos. De acordo com o Instituto Paulo Freire, (2014) ele foi quase tudo o que deve ser como educador, de professor de escola a criador de ideias e "métodos". Alfabetizou trezentas pessoas em um ano com um programa em 1963 no Rio Grande do Norte. Em 1964, quando coordenava o Plano Nacional de Alfabetização do então presidente João Goulart, foi preso em função do golpe militar. Escreveu então seu livro mais conhecido, a *Pedagogia do Oprimido,* em 1968. Voltou do exílio ao Brasil em 1979 já ingressando na vida universitária. Morreu em 1997, de enfarte, tendo traduzidas suas obras em mais de vinte idiomas.

O diálogo para Freire (2005) é essencial na prática educativa. Alguns elementos constitutivos para o diálogo estão na dimensão da ação e da reflexão, não se separando, pois "não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. " (FREIRE, 2005, p.89). Proferir palavras verdadeiras não deve ser privilégio de alguns. É sim um direito de todos os homens, pois ao dialogar, os homens nascem. Por isso, o diálogo "é uma exigência existencial*"* (FREIRE, 2005, p.91)

Arendt e Freire aproximam-se na questão do diálogo, pois, "o elemento político, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um pode compreender a verdade inerente à opinião do outro" (ARENDT, 1993, p. 99), comungando dessa mesma ideia, que "se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança (...), pois não há diálogo verdadeiro se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer*"* (FREIRE, 2005, p. 95), e assim, os homens se reconhecem em uma relação inquebrável de solidariedade.

O pensar também é uma categoria de análise arendtiana, que aproxima Freire e Arendt. "O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo" (FREIRE, 2014, p.30). Arendt em sua obra *A Vida do Espírito* (2014), apresenta o pensar como algo que não necessita de causas ou objetivos. "Assim, tenho consciência de mim, não de como apareço para mim, não de como sou em mim mesmo, mas apenas de que sou. (...) o eu penso expressa o ato de determinação da minha existência" (ARENDT, 2014, p. 60). Compreender em

Freire que pensar certo é uma busca constante para novos entendimentos e em Arendt que a atividade de pensar expressa a própria existência aproxima os autores para a necessidade de pensar em educação para poder agir em educação. É necessário aguçar o pensamento na aprendizagem, levando o aluno a refletir, considerar as opiniões dos outros, compreender o real sentido de estar no mundo e quais atitudes podem ser significativas para a mudança de uma realidade social e educacional com grandes dificuldades.

Falar em educação como o espaço da formação política e humana é considerar que não deve existir, segundo Freire (2001) uma prática educativa que seja neutra e apolítica. É necessário que um fim seja sempre perseguido. Não ser neutro, não deve implicar uma posição de autoritarismo, mas sim, educar para escolhas e opções. Ainda no pensamento freireano, "não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos" (FREIRE, 2001, p.38) e ao mostrar os sonhos, utopias, apresentar provas concretas do porquê lutamos e pensamos, mas em todas as situações, respeitar o que cada um pensar. A formação humana e política necessitam de rupturas, decisão, posicionamento. Educar é dialogar com o mundo e entender a visão que temos dele juntamente com os alunos, sem imposições. Ter consciência de como atuar no mundo em função das finalidades a que se propõem educandos e educadores "ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo e com os outros*"* (FREIRE, 2005, p. 103) encontra-se a razão pelo qual existem e escrevem sua história.

Assim como Freire, Arendt (2011) também compreende que a tarefa do educador é a de não apenas informar, mas oportunizar aos novos, conhecer o mundo que já existe, e assumir responsabilidades perante este mundo que pode ser conservado ou transformado. O educador que se preocupa com a formação humana e política de seus alunos apresenta a eles a necessidade de compreender que este mundo é um lar de várias gerações, devendo assim, todos manterem um grau de respeito e consideração. Freire (2014) argumenta que não há como responder pelo mundo sem se comprometer. A educação deve se constituir assim, como construção do homem em ser mais, despertado de suas ingenuidades e passividades, assumindo a sua condição de agente de sua própria história.

> A natureza formadora da docência, que não poderia reduzir-se a puro processo técnico e mecânico de transferir conhecimentos, enfatiza a exigência ético-democrática do respeito ao pensamento, aos gostos, aos receios, aos desejos, à curiosidade dos educados. Respeito, contudo, que não pode eximir o educador, enquanto autoridade, de exercer o direito de ter o dever de estabelecer limites, de propor tarefas, de cobrar a execução das mesmas. (FREIRE, 2001, p. 39)

Ao estabelecer limites, o educador não está exercendo o autoritarismo, e sim deixando que o educando aprenda exercer a sua liberdade e a capacidade de decisão e de escolha. O educando não se encontra assim em uma condição de opressão ou indignidade, mas com a oportunidade de crescer no aprendizado, coerente com as opções que se faz durante a vida. O viver no mundo é muito mais do que ter acesso às técnicas para execução de atividades. A grande questão para a educação deve ser o ser humano, pois este não é solitário. Se a pluralidade é a condição humana, a escola, a educação, deve ter esse preparo para que os educandos sejam seres humanos responsáveis por seus atos e decisões. Segundo Arendt (2011), as crianças podem adquirir condições para o trabalho e fabricação, conhecimentos, competências, mas somente isso não basta. A ação é uma excelência humana, porque o trabalho é apenas uma das condições.

A vida não pode ser reduzida à utilidade, com a educação instrumentalizada. De acordo com Arendt (2011), as crianças herdam um mundo como espaço de trabalho, mas também deve ser um espaço de convivência e de histórias humanas. Por isso, é da educação a tarefa de familiarizar os educados com experiências e compreensões compartilhadas, instituições práticas, saberes e pensamentos que façam sentido para a construção de um mundo mais humano. Ao abordar-se formação política, é importante destacar o pensamento freireano que enxerga a aprendizagem como um direito de criticar, e "ao criticar, de não faltar à verdade para apoiar nossa crítica é um imperativo ético da mais alta importância". (FREIRE, 2001, p. 59, 2001). Aceitar análises de fatos, reflexões, compreender o mundo, entender nossas propostas, significa posicionar-se, intervir e exercer a função política de viver em sociedade.

No criar e recriar do mundo e das relações no contexto social, o ser humano vai se tornando histórico. "Este ser histórico e cultural que não pode ser explicado somente pela biologia ou pela genética, nem tampouco apenas pela cultura (...) mas podendo reconhecer-se para superar limites do próprio condicionamento, programado para aprender" (FREIRE, 2001, p.68). Nas relações, o educando tem o direito de optar por ser coerente com suas ações e não se contradizer em seu discurso, assumindo sua posição política de conviver com os diferentes. Pensar em uma educação em que docente e discente possuem características e posturas diferentes, aponta para uma ação educativa que se preocupa com a formação humana e política. As dimensões do ensinar e do aprender nas contextualizações didáticas, relacionadas com a prática pedagógica do fazer docente nos remete a vários olhares em relação ao cotidiano educacional que precisa ser questionado e transformado.

O espaço do exercício da docência se apresenta desafiador e ocupa lugar nas investigações científicas no Brasil e, cabendo considerar as diferentes características e realidades educacionais e a articulação de uma teoria de compreensão e interpretação da realidade com a prática, na medida em que se tratam os conhecimentos específicos com a formação humana, buscando uma interação entre docente e discente para um trabalho baseado na postura ética. O enfrentamento da realidade para conhecer o mundo em que se vive e a concepção de homem que cada um possui apresenta indícios de diferenças, porém também pode apontar onde é possível unir as diferenças para melhor interação entre docentes e discentes. "É assim que se impõe um reexame do papel da educação que, não sendo fazedora de tudo é um fator fundamental na reinvenção do mundo" (FREIRE, 2001, p.14*).* Em que medida se busca nos saberes que se constroem e reconstroem de acordo com as novas demandas sociais, os reflexos e contribuições na sala de aula no que diz respeito à formação humana e política? "Se os seres humanos fossem puramente determinados e não seres programados para aprender, não haveria por que, na prática educativa, apelarmos para a capacidade critica do educando. Não havia por que falar em educação para a decisão, para a libertação". (FREIRE, 2001, p.12)

Ao produzir o trabalho educacional, o educador expressa aquilo que tem como formação de uma sociedade que é criada por cada cidadão. A escola, sendo ora essa sociedade, ora parte dela, tem papel primordial na formação das relações que se formam aos pares, apesar de ser dividida em setores, assim como uma grande sociedade, "cujo impulso brota do desejo de estar na companhia dos outros, do amor ao mundo e da paixão pela liberdade". (ARENDT, 2014). Enfrentar a sociedade no âmbito econômico do capitalismo reafirmado na maioria das nações no século vinte, e trabalhar para uma formação humana e política quando o currículo dá sentido às práticas que estão ao entorno do que se busca construir através de uma grande ruptura e não através da

continuidade de ações individualistas e competitivas, são um grande desafio. Assim,

> cedo ou tarde, por isso mesmo, prevalece à compreensão da história como possibilidade, em que não há lugar para as explicações mecanicistas dos fatos nem tampouco para projetos políticos de esquerda que não apostam na capacidade critica das classes populares. (FREIRE, 2001, p.13)

Através das ações pedagógicas o aluno e todos os envolvidos necessitam entender que as funções não devem ser divididas, não existindo apenas aprender ou ensinar. A construção de um currículo próximo da sua realidade e também enfrentar a alienação em relação a sua própria história, à sua concepção de homem, onde na maioria das vezes impera o individualismo, a competição, a recompensa por ser bom e a punição pelo fracasso também fazem parte deste trabalho para a formação humana e política. "Certamente não é preciso grande imaginação para detectar os perigos de um declínio sempre crescente nos padrões elementares na totalidade do sistema escolar" (ARENDT, 2011, p. 221-222) mas, pensar a ação humana no âmbito da política e do espaço público onde todos possam espontaneamente aparecer é um imperativo. Ao mesmo tempo, entender as principais características do pensamento acerca da educação enquanto espaço público e político nos leva a encontrar formas para que o trabalho seja em equipe, reunindo questões que superem dificuldades, fortaleçam laços e desenvolvam a formação humana e política no espaço escolar, somando aprendizagem a uma organização das relações de conflitos de concordâncias e divergências.

Existe na prática docente, um repertório peculiar de conhecimentos do ensino. Identificar quais são esses saberes na ação pedagógica e onde eles situam-se na organização do trabalho pedagógico como formação humana e política exige posicionamento, postura ética.

> O importante é que a pura diferença não seja razão de ser decisiva para que se rompa o diálogo através do qual pensar diversos, sonhos opostos não possam concorrer para o crescimento dos diferentes, para o acrescentamento de saberes. (FREIRE, 2001, p.17).

Para que a ação pedagógica seja eficaz, é necessário retornar aos saberes disciplinares, ou seja, o que compõe a profissão docente através da formação acadêmica; quais as ciências que se carregam junto com os fazeres através de cursos realizados para aperfeiçoamentos; o que se adquire durante a formação e trabalho, o que se conhece e aprende ao trabalhar em uma escola, a organização, tradição pedagógica, correntes e teorias. O saber experiencial, a partir do particular e depois testado publicamente, ou seja, dentro de sala de aula, segundo Freire (2001) não pode escapar de uma continuidade histórica e das marcas culturais que são herdadas. De fato, o que é um saber? Sem respostas definitivas, entende-se que pesquisas vêm sendo realizadas sobre o repertório de conhecimentos do ensino, o professor especialista, o prático reflexivo ou competências. Cria-se um espaço de criação no pedagógico, com saberes de decisões, liberdades, e, mesmo não sendo um saber científico, nem por isso deixa de ser válido ou legítimo.

> Por isso é que a investigação se fará tão mais pedagógica quanto mais critica e tão mais critica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, das visões focalistas da realidade, se fixe na compreensão da totalidade. (FREIRE, 2005, p. 116)

O saber é o resultado de uma produção social. Não se reduz a sujeitos pensantes, mas a extração de leis contidas num objeto e contexto, devendo estar aberto

ao processo de questionamento. O objetivo prático se refere a uma comunidade de agentes que possui diferentes tipos de juízo, situado em tempo e espaço diferentes. "É uma questão política de primeira grandeza, cuja decisão, portanto, não pode ser deixada a cientistas profissionais ou a políticos profissionais" (ARENDT, 2014, p. 3). A atividade pedagógica não é reduzida a saberes técnicos de aprendizagem e nem a juízos empíricos. É voltada para uma ação eficaz, prática e não produção teórica. O saber é construído, é um saber ligado ao trabalho. Freire (2001) já coloca que a educação é uma prática permanente, ressaltando o ser humano como um ser histórico-social e "por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo". (FREIRE, 2001, p.18). Conhecer, dizer, refazer, ensinar e melhorar o mundo, transformando e melhorando o ensinar.

No atual contexto de incessantes desafios é de fundamental importância que estejamos permanentemente ressignificando os saberes e reafirmando convicções enquanto educadores. É preciso investir no conhecimento vivo e continuado, reorganizar os currículos, imprimindo-lhes a dimensão complexa do trabalho intelectual, enquanto instrumentos flexíveis de constante aprendizagem. Associar ensino e pesquisa e ensinar investigando, investigar ensinando e ensinar a investigar. Nesta interação cotidiana, a responsabilidade social das instituições de ensino se torna concreta, e a teoria e a prática se fundem, se articulam como um todo. Repensar e ressignificar as práticas de acordo com a demanda atual, configura-se em um novo momento de desenvolvimento científico, tecnológico, intelectual, político e social, porém percebem-se incoerências e dificuldades de iniciativas que contemplem esse novo momento: o aluno como sujeito e construtor de seu próprio conhecimento; o individuo como agente de interferência e transformação social; as relações em uma visão de interação e o diálogo como forma de comunicação e crescimento coletivo.

Considerações

Percebeu-se até aqui que o conhecimento é tecido nas complexas redes contextuais de significações e pressupõe assumir o processo pedagógico com objetivos e estratégias pedagógicas diferenciadas. A sala de aula passa a ser palco de discussões, de argumentação e de pesquisa. A discussão a partir da complexidade pressupõe acolher a investigação como princípio norteador, em que professor e aluno se lançam na construção de projetos de vida e de saberes. "No processo de conhecimento, que envolve ensinar e aprender" (FREIRE, 2001, p.39), a dimensão ética não deve se restringir apenas aos educadores, sua formação e cumprimento de deveres, mas ao respeito à pessoa humana dos educandos. O profissional docente precisa conhecer-se como parte de um processo educativo que questiona o homem situado historicamente e inserido em uma sociedade em constante crise e transformação. Os pressupostos teóricos esclareceram o porquê de estarmos em um momento delicado da educação, quando se buscam respostas para problemas. Deixar o individualismo, conhecer o homem como um todo, entender o mundo em que vivemos e qual realmente é nossa visão diante dele são marcas profundas deixadas durante esse percurso de estudos.

A Educação Brasileira precisa de reformas, porém, devem partir de mudanças do próprio ser humano enquanto um ser que depende do outro para se consolidar, entender a essência da educação, educar para humanizar e olhar a realidade ainda obscura, mas com respostas possíveis através de uma verdadeira conceituação de homem, sociedade e educação. Essas questões podem ser o início de um novo momento para a ação educativa fundamentada em valores, na qual a criticidade e a valorização do humano se

baseiam nos princípios éticos para qualquer mudança.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. **I Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – ENEJA**, em 25 de abr.1998, Recife. Ana Maria de Araújo Freire, Paulo Freire, sua vida, sua obra. Disponível emhttp://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/663/546 > Acesso em 12 Ago. 2014.

ARENDT. H. A Crise na Educação. In. ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A dignidade da Política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,1993.

_____. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Política e Educação**. Coleção Questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 2001.